

Entre a caneta na mão e a bola no pé: reflexões sobre estudantes-atletas em um clube de futebol de Alfenas em Minas Gerais¹

Bruno José Samonetto

Graduado em Ciências Sociais- Bacharelado (UNIFAL/MG)

Estudantes-atletas; Ensino-aprendizagem; Futebol

1. Introdução

O fenômeno educacional é um objeto de pesquisa antropológico. Desde Brandão (1995), entendemos que não podemos compreender o processo de ensino e aprendizagem como somente algo presente na sala de aula. O fato de nós, seres humanos, sermos aquilo que somos não se dá apenas ao fato de nossa racionalidade perante as outras espécies, mas sim por sermos aprendentes. (BRANDÃO, 1995). E, esse fenômeno da aprendizagem acontece em diversos ambientes onde nos inserimos socialmente. Ela se estabelece desde o primeiro “bom dia” dado aos responsáveis legais até a rolagem de tela em um aplicativo de vídeos curtos. Nas últimas décadas, assistimos ao surgimento de uma multiplicidade de novas formas de aprendizagem, e esses processos socioeducativos ampliaram e complexificaram o conjunto de intervenções reconhecidas como legítimas no campo educacional. (GROPPO, 2013). Logo, quando se reflete sobre a educação no mundo moderno, vale ressaltar a presença de outras instituições, como a mídia, presentes em parceria para a formação de uma ação pedagógica. (SETTON, 2001)

De acordo com Groppo (2013), o campo educacional viu-se e presenciou uma quebra de sua hegemonia de produção do ensino e da aprendizagem e outras formas e modalidades educacionais, que não são novas, ganharam notoriedade dentro do ambiente do saber-fazer pedagógico. Brandão salienta a importância de se entender como “a educação pode se dar em quaisquer ambientes sociais” e como ela é adquirida para os agentes envolvidos nesse processo educacional.

Nas palavras do antropólogo:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, a sós, com os outros, em silêncio diante de um livro ou

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

entre falas de alguém, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos momentos de nossas vidas com a educação. Estamos sempre às voltas com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para apensar, para esquecer, para ser ou para conviver, todos os dias envolvemos a vida de cada dia e mesmo de cada instante com alguma face da educação. Com um de seus rostos ou com várias faces: educação? Educações (BRANDÃO, 1995, p.6).

Nesse sentido, podemos refletir que a cultura, entendida como aquilo que é aprendido socialmente e que condiciona a visão de mundo dos indivíduos que dela participam (LARAIA, 1986), permite compreender que os processos formativos extrapolam os espaços institucionais de ensino, especialmente aqueles formalmente aceitos e legitimados. Nessa perspectiva, argumenta-se que o aprendizado mediado pelo corpo ocupa lugar central na formação desses jovens, estruturando culturas próprias, modos de perceber o mundo e projetos de vida (BOAS, 2004). A vivência corporal em uma determinada cultura constitui, assim, um mecanismo fundamental de aprendizagem, no qual a participação física e simbólica do indivíduo em seu meio social possibilita a incorporação de saberes, valores e práticas. A cultura é ensinada, mas não necessariamente com o lápis e o papel na mão.

Com a entrada dessas “novas educações” no espectro do ensino e da produção de conhecimento, torna-se pertinente refletir sobre qual é o lugar da escola e sua legitimidade perante os jovens. Ao analisar dados estatísticos sobre os motivos das evasões escolares entre estudantes de 15 e 17 anos, disponibilizados pela PNAD de 2006 e apresentados por Neri (2009), observa-se que 27,1% dos casos estão relacionados à necessidade de inserção no mercado de trabalho e à produção de renda. Se levarmos em conta a origem social desses jovens, a entrada precoce no trabalho aparece como estratégia de complementação de renda e de melhoria nas condições de vida das famílias. Contudo, essa necessidade não pode ser compreendida apenas como escolha individual: trata-se, também, de uma imposição estrutural, reforçada tanto dentro quanto fora dos espaços escolares, especialmente em um contexto marcado pela emergência de discursos de empreendedorismo precoce. (fenômeno aqui associado à figura dos chamados “coach mirins”). Somado a isso, 40,3% desses jovens apontam o desinteresse pela escola como fator central para o abandono escolar, o que revela uma

crise de sentido da instituição escolar frente a outras promessas de futuro.

Em interpretações sobre esses dados e as percepções de futuro profissional de alunos matriculados em escolas públicas de alto e baixo prestígio, Costa e Koslinski (2006) observaram que a carreira esportiva aparece com maior frequência como expectativa de futuro entre estudantes que frequentam escolas de menor prestígio social. Nesse contexto, a carreira no futebol aparece como uma possibilidade de mobilidade social imediata dentro da estrutura social, sendo percebida por muitos desses jovens como um caminho mais rápido de ascensão.

O futebol se configura como um espaço privilegiado de aprendizagem para esses jovens que, em busca de melhores condições de vida, enxergam na bola nos pés uma possibilidade concreta de ascensão em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais e escassez de oportunidades. O esporte, portanto, deixa de ser apenas prática recreativa ou atividade extracurricular e passa a ocupar posição central na organização de seus projetos de vida.

O narrador Rogério Vaughan, durante a transmissão da Copa da Alemanha, utilizou a expressão “a arte do possível” para tratar do futebol, a qual estaria relacionada a abertura de portas para trajetórias de mobilidade social. Porém, ele também se apresenta como espaço de dúvidas, incertezas e frequentes experiências de insucesso. No que tange à carreira desses estudantes-atletas, instaura-se uma dupla jornada que atravessa suas rotinas. No âmbito escolar, devem obrigatoriamente frequentar aulas, estudar, realizar provas, trabalhos e responder às exigências institucionais do sistema de ensino. Já no ambiente futebolístico, vivenciam a intensidade de treinamentos diários, viagens constantes, participação em competições e a necessidade de cuidados permanentes com o corpo e com o estado psíquico (SOARES; CORREIA; MELO, 2016, p. 11). De acordo com os autores, essa rotina impõe processos contínuos de flexibilização, ajustes e negociações que envolvem a integridade da formação do estudante-atleta. Na maior parte das vezes, é a escola que assume o papel de adaptação, relativizando faltas, remarcando provas e reorganizando prazos de atividades. Contudo, quando tais ajustes não ocorrem, o jovem frequentemente se vê diante de alternativas limitadas: mudar de instituição de ensino ou arcar com reprovações sucessivas. Além de todas essas questões apontadas anteriormente, deve-se destacar que nem todos os clubes conseguem arcar com as demandas dessa realidade duplicada vivida pelos jovens jogadores. Questões estruturais, limitações de recursos e a ausência de políticas de acompanhamento fazem com que o

suporte oferecido durante o processo de formação, tanto na escola quanto no futebol, seja insuficiente ou, em alguns casos, inexistente.

Dentro desse cenário encontra-se o grupo estudado neste trabalho: estudantes-atletas do primeiro ano do ensino médio em uma escola estadual da cidade de Alfenas, no Sul de Minas Gerais. Este trabalho busca analisar como esses jovens jogadores vivenciam uma experiência de dupla jornada marcada pela conciliação entre as obrigações escolares e as demandas do futebol de alto rendimento, o que coloca em embate suas rotinas, expectativas de ascensão social e projetos de futuro.

2. A relação entre o futebol de base e a escola através da lei

Hoje, no Brasil, a principal legislação que regulamenta as questões envolvendo a formação de atletas, tanto dentro quanto fora das quatro linhas, é a Lei Geral do Esporte (Brasil, 2023). A Lei nº 14.597/2023 surge como uma tentativa de unificar e modernizar a legislação esportiva brasileira, incorporando e reorganizando normas estabelecidas anteriormente, entre elas a conhecida Lei Pelé.

A Lei Pelé (Brasil, 1998) representou um marco para o futebol brasileiro, transformando profundamente as relações de trabalho dentro do esporte. Entre suas mudanças mais significativas, destaca-se o fim da lógica do “passe”, mecanismo que colocava os jogadores em uma condição extremamente limitada de negociação e autonomia profissional. Como aponta Napier (2003), o atleta ficava submetido a vínculos restritivos, sem possibilidade efetiva de diálogo sobre seu contrato e, muitas vezes, com dificuldades até mesmo para continuar exercendo a profissão após o encerramento do vínculo com o clube.

Além dessas medidas, a legislação também legitima o esporte como espaço de formação educacional. No Capítulo III, Art. 3º, o esporte é compreendido como prática educativa e forma de ensino-aprendizagem, podendo funcionar como um sistema de ensino informal e espontâneo. Nesse sentido, a seletividade excessiva e a competitividade deveriam ser evitadas, priorizando o desenvolvimento integral do indivíduo, contribuindo para a sua formação como cidadão e o exercício do esporte como lazer.

A própria legislação estabelece ainda regras específicas para a formação de jovens atletas e para a conciliação entre as esferas esportivas e escolares. No Art. 28º, por exemplo, caracteriza-se como atleta autônomo aquele maior de 16 anos que não

mantém vínculo empregatício com entidade esportiva e obtém rendimento por conta própria. Já no artigo seguinte, se regulamenta os contratos de formação, determinando que sua duração não ultrapasse cinco anos.

Além disso, o §2º, inciso II, que prevê as considerações para que uma entidade de práticas esportivas seja uma instituição formadora de atletas, estão presentes os itens “f” e “g”, onde determinam que o clube só pode ser reconhecido se adequar o tempo destinado às atividades esportivas aos horários escolares ou profissionalizantes do atleta, limitando as atividades de formação a, no máximo, quatro horas diárias. Também passa a ser responsabilidade do clube acompanhar matrícula, frequência e rendimento escolar do jovem, além de garantir que processos seletivos e treinamentos não coincidam com os horários das aulas.

Quando observamos a Lei Geral do Esporte, percebe-se que muitos desses princípios permanecem, mas novas garantias, fundamentadas também no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e no Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), foram incorporadas às exigências destinadas aos clubes formadores. Entre elas, destacam-se a obrigação de assistência educacional, fornecimento de material didático, alimentação adequada à faixa etária, acompanhamento psicológico, médico, odontológico, farmacêutico e fisioterápico, conforme previsto no Art. 101º da legislação.

Ao analisar essas propostas legais, percebe-se que o futebol é reconhecido institucionalmente como espaço legítimo de aprendizagem e formação social. Ao mesmo tempo, os clubes passam a ter responsabilidade direta na articulação entre a formação esportiva e a formação escolar dos jovens atletas. Ainda que distante do ideal, existe um reconhecimento jurídico de que o estudante-atleta necessita de condições específicas para conciliar as exigências da bola e da escola.

Entretanto, algumas brechas permanecem evidentes e uma das principais diz respeito sobre a matrícula na escola feita pelos clubes formadores. Embora a legislação determine que os clubes sejam os responsáveis pela matrícula escolar dos atletas e verificação da performance do estudante-atleta no ambiente, ela não especifica em quais instituições esses estudantes devem ser inseridos, nem estabelece parâmetros sobre a qualidade do ensino oferecido ou sobre os horários em que a escolarização ocorrerá. Essa indefinição abre espaço para que muitos jovens, após rotinas intensas de treinamento, frequentem aulas no período noturno, estudem em modalidades precarizadas ou até recorram ao ensino à distância como forma de adaptação à carreira

esportiva. Notamos que alguns clubes de alto escalão do futebol brasileiro constroem, em suas instalações, escolas próprias para seguir com a formação dos estudantes-atletas e existem casos que as matrículas são feitas em escolares particulares da região, mas isso não acontece em sua totalidade e realidade dos fatos apresenta mais uma bonificação para a instituição do que para a formação do jovem.

Nesse contexto, o desempenho escolar tende a ser diretamente afetado. Como observam Rocha, Bartholo, Melo e Soares (2021), uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens atletas está justamente na tentativa de conciliar “a bola e a caneta na mão”. A busca pela profissionalização exige renúncias constantes: lazer, convivência social, tempo livre e, muitas vezes, o próprio envolvimento com a escola acabam subordinados às exigências do futebol. Soma-se a isso um fenômeno cada vez mais perceptível: a flexibilização crescente da educação escolar como estratégia para acomodar a rotina esportiva desses jovens.

Fora os problemas representados pela qualidade das escolas nacionais e de uma ausência na relação entre o que é aprendido com o cotidiano dos alunos, os jovens atletas enfrentam outras situações que afetam o processo de escolarização, situações que se apresentam como típicas da formação. Dentre elas, podemos apontar a questão da falta de tempo para os estudos e para acompanhar as aulas, a falta de motivação pelo insucesso escolar e um interesse, em certa medida compulsivo, pelos caminhos que o futebol poderá abrir. Essas questões deixam claro uma a seguinte concepção: A escola se torna secundária na vida desses estudantes-atletas. (DAMO apud ROCHA; BARTHOLO; MELO; SOARES, 2021, p.259)

Atividades para serem feitas em casa, compensação de faltas ou até mesmo remarcar as provas trimestrais em horários flexíveis são alternativas dadas pelas escolas para suprir a demanda existente entre os dois campos de atuação. Porém, pensando que o processo educativo se dá através das relações sociais, da convivência cotidiana e das experiências compartilhadas dentro do ambiente escolar, cabe refletir até que ponto essas flexibilizações conseguem, de fato, garantir a formação integral desses jovens.

Assim como Rocha, Bartholo, Melo e Soares apontam:

A busca pela profissionalização no futebol oferece muitos riscos aos que a desejam. As dificuldades para conciliar as rotinas diárias dos atletas os distanciam da escola básica, apesar de não impedi-los de frequentá-la. Todavia, os atletas entrevistados

indicam em suas falas que a escola não é representada como a principal estratégia de vida nesse momento e a dedicação aos estudos não é a principal meta (2021, p.261).

3. Primeiro contato com os jovens

Quando iniciei as disciplinas de estágio na Licenciatura em Ciências Sociais na UNIFAL-MG, estava apreensivo com algumas questões envolvendo esse contato imediato com a escola logo no começo do curso. Sou formado em Bacharelado em Ciências Sociais pela mesma universidade e nunca tive um contato muito próximo com o ambiente escolar nas pesquisas que realizava. Apenas em uma única oportunidade isso aconteceu, quando participei de um censo escolar em uma escola de Alfenas, mas tratava-se de um projeto à parte dentro do curso.

A docência em si, no entanto, eu nunca havia vivenciado. Era um mar aberto no qual eu estava entrando com minha embarcação metodológica.

No primeiro momento em que entrei na escola, tive a sensação de acessar algo familiar, mas que, ao mesmo tempo, se apresentava como exótico. Assim como DaMatta (1978) nos provoca, é necessário transformar “o familiar em exótico e o exótico em familiar”. E foi exatamente isso que aconteceu: senti como se estivesse entrando em um espaço que, embora conhecido, parecia completamente novo para mim.

Ao refletir sobre esse cotidiano, parti da ideia de que conseguiria me aproximar de maneira natural, sobretudo por ter vivenciado o ambiente escolar durante longos 13 anos de minha vida. No entanto, rapidamente percebi que aquele espaço já não era o mesmo e tampouco eu era o mesmo sujeito que o habitava anteriormente.

Como aponta Nilda Alves (2003), o cotidiano escolar é, ao mesmo tempo, espaço de reprodução de práticas e saberes herdados de outras gerações e de criação constante de novas formas de ser e fazer. São dinâmicas que, muitas vezes, se apresentam de forma sutil, quase invisível, mas que vão sendo incorporadas ao corpo, às práticas e às relações estabelecidas naquele ambiente.

Nesse sentido, para me aproximar dos estudantes, foi necessário mais do que observar: foi preciso vivenciar aquele cotidiano, compreender suas lógicas internas e, de certa forma, me deixar atravessar por elas. Dessa forma, minha aproximação com os alunos se tornaria mais fluída e natural. Esse processo implicou também uma transformação em mim enquanto sujeito e pesquisador, na medida em que passei a

compreender aquele espaço não mais como um ambiente familiar, mas como um campo vivo de produção de sentidos, práticas e relações.

Foi nesse movimento que me aproximei, novamente, de um elemento inesperado do cotidiano dos estudantes: o jogo Clash Royale. Em uma das aulas na sala do primeiro ano um, após o término, um dos alunos se aproximou para que desse o “visto” (confirmação das anotações feitas em lousa) em seu caderno e, de forma espontânea, me questionou: “Professor, você joga Clash?”. De maneira curiosa, eu havia instalado o jogo em meu celular duas semanas antes desse momento. Ao responder que sim e brincar falando que jogava muito bem, uma ponte inesperada entre mim e os estudantes se estabeleceu, de maneira que em todas as idas à escola o garoto me questionava sobre a quantidade de troféus (pontos obtidos pelas vitórias no jogo) que tinha e em que arena (nível) eu estava. A partir dessa interação, o jogo passou a funcionar como uma mediação entre a minha e a cultura deles, possibilitando uma maior interação com os estudantes e também a entrada naquele cotidiano escolar.

Entre idas e vindas na escola, o contato estabelecido com esses alunos me possibilitou conhecer mais sobre a sala como um todo, principalmente um grupo de jovens atletas. Esse grupo se localizava no primeiro ano um, formado por três meninos e se apresentavam, de certa forma, fechados entre eles e uma dupla de meninas que sentavam nas proximidades. Mesmo que participassem das discussões com o restante da sala, ainda se concentravam entre eles as brincadeiras e conversas diárias. Por conta das aulas de Sociologia acontecerem nos primeiros horários, em alguns casos a minha interação com eles se tornou difícil, principalmente nas segundas-feiras quando no dia anterior aconteciam os jogos.

Porém, quanto mais estava me inserindo dentro daquele cotidiano, mais os jovens se mostravam abertos para conversar e explicar como funcionavam suas rotinas e horários de jogos. Inclusive, sobre os horários, sempre questionava sobre como foi e quando seriam os jogos deles para que possamos comparecer e torcer. Foi através daí que consegui vivenciar o cotidiano da bola que faziam parte e prosseguir com as análises.

4. Os estudantes atletas e seus cotidianos

O grupo acompanhado era formado por três meninos, com idades entre 15 e 16 anos, integrantes da categoria sub-17 do clube de Alfenas. Suas posições variam

conforme as necessidades táticas das partidas do Campeonato Mineiro Sub-17, mas, de modo geral, atuavam como zagueiro, volante e meia-atacante.

Todos vieram de cidades de fora do Estado de Minas Gerais: um da Bahia, outro do Rio de Janeiro e o terceiro também, tendo a sua origem desconhecida. Embora suas origens sociais não tenham sido mapeadas por completo, as observações de campo e conversas informais com os estudantes indicam trajetórias marcadas por condições socioeconômicas modestas. O deslocamento para o interior de Minas Gerais aparecia como uma oportunidade concreta de ascensão por meio do futebol.

No ambiente escolar, o comportamento era marcado por baixa adesão à dinâmica das aulas. Através da observação participante, foram vistas conversas durante as aulas, dispersões e, em alguns momentos, demonstravam desatenção mesmo quando o professor se posicionava à sua frente (eles sentavam nas primeiras carteiras do lado esquerdo da sala). Ainda assim, a experiência dentro de sala de aula revelou nuances importantes: em aulas ministradas por mim durante o estágio na escola estadual onde estavam, os estudantes-atletas apresentaram momentos de concentração, silêncio atento e participação ativa, formulando perguntas e interagindo com o conteúdo trabalhado. Em muitas das aulas, utilizava exemplos baseados no futebol para seguir com as discussões e um exemplo disto foi relacionando a teoria de cultura na ótica funcionalista com esquemas táticos do futebol. Ao trazer essa explicação em aula, os próprios estudantes-atletas ajudaram na interpretação das posições dos jogadores em campo, exemplificando que cada uma tinha seu papel e função dentro do esquema. Essa participação deles no momento indicado motivou uma atividade com um dos jovens que exemplificarei mais adiante.

Por outro lado, o desempenho deles em sala de aula refletia essa oscilação entre as rotinas. As notas constantemente eram baixas, frequentemente associadas à desatenção cotidiana, mas melhoravam nas avaliações de recuperação. O motivo dessa “melhora automática” não se sabe, mas podemos interpretar de uma forma que o treinador ou os próprios responsáveis pelo clube em que jogavam realizavam uma cobrança para que não ficassem de recuperação. Ou seja, “tirou nota baixa, está fora do jogo”. Entre notas baixas e melhoras, um dos estudantes apresentava rendimento consistente nas provas, enquanto os demais enfrentavam maiores dificuldades. É importante assinalar que o atleta que mais se destacava nas notas era o que prestava mais atenção nas aulas. Esse acompanhamento das notas e comportamento dos jovens ocorreram principalmente nas aulas de Sociologia, no contexto do estágio

supervisionado realizado na própria escola.

No campo esportivo, o cenário era distinto. Observava-se um elevado nível de dedicação, disciplina e comprometimento por parte dos estudantes-atletas. Os treinos aconteciam diariamente no período da tarde, em um clube da cidade, com rotinas variadas que envolviam preparação física, técnica e tática. Fisicamente, os atletas demonstravam preparo evidente: corpos treinados, força muscular desenvolvida e atenção às rotinas alimentares e de desempenho. Todo esse preparo se orientava diretamente para as competições em disputa naquele momento.

E, as competições disputadas incluíam o Campeonato Mineiro Sub-17 (segunda divisão) e a Copa Alterosa, com jogos concentrados nos fins de semana.

No momento das análises, o desempenho da equipe no campeonato estadual não era dos melhores. No entanto, o time conquistou o título da Copa Alterosa, competição que reunia clubes de base da cidade de Alfenas e de municípios da região.

O Campeonato Mineiro Sub-17 (segunda divisão) é estruturado em fases. A primeira, denominada “classificatória”, é composta por dois grupos com 11 equipes cada, que disputam vagas para a fase seguinte, chamada “octogonal”, formada pelos oito melhores times. Nessa etapa final, as equipes se enfrentam até a definição do campeão. No ano de 2025, período em que a pesquisa foi realizada, o título ficou com a equipe da cidade de Juiz de Fora. Trata-se de um modelo de competição recorrente nas categorias de base do futebol mineiro.

Na competição, o time que os jovens estudantes jogavam terminou na nona posição, com apenas duas vitórias e seis derrotas na fase classificatória. Com o resultado, a equipe não seguiu para a fase final, acabou sendo eliminada e o contrato com os estudantes-atletas encerrado. Esse encerramento precoce e outro episódio que será desenvolvido adiante no trabalho, promoveram a saída dos jogadores do clube na qual faziam parte, fazendo-os retornar para as suas cidades de origem ou para outras regiões em busca de perpetuar o sonho que tanto desejam.

5. O caso do alojamento e fechamento do clube

De fato, a trajetória até a conquista para o atleta em formação pode ser um caminho de incertezas ou de convicções passageiras, onde o tão almejado sonho de viver “pela” e “para” a bola pode estar próximo e ao mesmo tempo distante. (DAMO, 2005, p. 298)

A ascensão através do futebol, embora frequentemente apresentada como possibilidade concreta de mobilidade social, também pode apresentar para esses jovens situações que fogem do controle e responsabilidade dos meninos.

E, no caso tratado no trabalho, isso se tornou evidente no dia 20 de agosto de 2025 após uma denúncia envolvendo as condições em que estavam inseridos no clube. Na data em questão, o comunicado mostrava irregularidades e precariedades nos três alojamentos utilizados pelos jogadores durante o período de formação. Segundo os relatos, os espaços não apresentavam condições básicas adequadas de sobrevivência e funcionamento, envolvendo problemas relacionados à alimentação, higiene, estrutura física e qualidade de vida dos atletas. Entre os principais pontos trazidos pela denúncia, pode-se perceber a ausência de água potável nas instalações, alimentação sem acompanhamento nutricional e condições precárias de limpeza. O café da manhã dos jovens era composto, muitas vezes, apenas por pão “duro” e água da torneira. Em relação à limpeza do espaço, era feita de maneira improvisada, pois não havia materiais de higiene (como detergentes, água sanitária e etc.) para que fosse feita de maneira adequada. No relato foi apontado que a higienização do espaço era feita apenas com água.

Vale ressaltar que o clube em questão funcionava de maneira privada, reunindo tanto jovens que pagavam para participar das atividades quanto atletas contratados para integrar as equipes. No caso dos estudantes-atletas analisados neste trabalho, eles faziam parte desse segundo grupo. Porém, ainda assim, os próprios jogadores eram responsabilizados financeiramente por possíveis danos causados nas residências em que viviam.

E, além da situação relatada apresentar problemas graves para a sobrevivência humana, o espaço que era destinado ao alojamento se mostrava insuficiente para comportar todos os atletas vinculados ao clube. Os quartos eram pequenos para o tanto de garotos que ali se alojavam por cômodo. As condições de conforto eram limitadas e evidenciaram uma estrutura precária para sujeitos que vivenciavam rotinas intensas de treinamentos, jogos, deslocamentos, exigências físicas constantes e atividades fora das quatro linhas.

Os alojamentos não apresentavam guarda-roupa ou armários, e os meninos precisavam colocar as suas roupas e objetos pessoais de maneira exposta, o que resultava em perdas ou sumiços dos pertences.

Fora isso, o ambiente não tinha ligação com rede Wi-fi ou qualquer outro

aparelho eletrônico ou tecnológico, apenas os celulares pessoais dos atletas que eram apreendidos como forma de repreensão em casos de desobediência, cortando qualquer possibilidade de denúncia ou contato com pessoas próximas. Também, um ponto importante de citar seria o fato que existem relatos de assédio e abuso psicológico e sexual nas instalações.

Por conta dessa denúncia, a Polícia Civil do município de Alfenas começou, no dia 29 de agosto de 2025, as investigações para verificar as precariedades apontadas e possíveis violações de direitos humanos, além da presença de outros órgãos público da cidade nas verificações sobre o ocorrido, realizando visitas aos alojamentos e entrevistas com os garotos que ali estavam. Durante as investigações, o clube postou através de suas redes sociais uma nota de esclarecimento sobre o caso, onde apontam não ter recebido qualquer notificação ou denúncia vinda do Ministério Público e também apontando medidas judiciais para a disseminação de comentários e informações, ditas por eles como “falaciosas”, contra o próprio clube.

Nesse período de investigações e reportagens divulgadas em veículos de comunicação da região, o clube decidiu encerrar suas atividades em Alfenas e os todos os 30 jogadores, com idades entre 13 e 23 anos, retornaram para suas casas ou foram jogar em outros clubes profissionais ou categorias de base fora da região mineira. De acordo com relatos de atletas que participaram das atividades do clube e de pessoas próximas à situação, os antigos dirigentes posteriormente abriram uma nova “escolinha” de futebol, agora com outro nome, profissionais diferentes e uma proposta mais voltada ao lazer e à formação recreativa. Diferentemente do projeto anterior, a nova iniciativa passou a priorizar treinos e atividades esportivas locais, deixando de lado a participação em competições estaduais de maior exigência competitiva.

Entre os jovens afetados pelo encerramento das atividades do clube, um dos casos observados foi o do goleiro da equipe sub-17, companheiro dos estudantes-atletas analisados neste trabalho. Após o fechamento do projeto em Alfenas, o atleta foi dispensado e, aos 17 anos, contratado por uma equipe do estado de Roraima, na região Norte do país. Sua trajetória evidencia como a formação futebolística desses jovens é marcada por deslocamentos constantes, instabilidade e reinícios sucessivos, nos quais o sonho da profissionalização exige adaptações permanentes e reorganizações contínuas da própria vida.

6. “Não tem como, né, fessor?”

No dia 08/05/2025, tive uma experiência de entrar em contato com os estudantes-atletas após a finalização de uma aula sobre a sociologia de Karl Marx e, naquele momento, queria saber sobre quais eram os próximos jogos do campeonato que estavam disputando em Alfenas. Os mesmos me disseram que seria no sábado daquela semana e enfrentariam uma equipe de Machado (cidade próxima de Alfenas) no Estádio do América Futebol Clube (clubes tradicionais do município) e tive o prazer de ser convidado para fazer parte desse momento. Naquele momento, não apontaram como o time estava no campeonato, pois eram as fases iniciais e, também, havia possibilidade de classificação mesmo com os resultados negativos em partidas anteriores.

Durante a nossa conversa, questionei eles sobre como estava sendo a conciliação entre a rotina de jogos dos campeonatos com a escola. Foi nesse momento em que a frase que dá nome ao tópico deste trabalho apareceu: “Não tem como, né, *fessor*?”. Talvez tenha sido nessa célebre frase que me motivou a entender e pesquisar ainda mais sobre os seus cotidianos, trajetórias ou, principalmente, a maneira como esses atletas em formação viam a escola e quais os sentidos que são atribuídos à ela.

De fato, a impossibilidade de uma reconciliação entre essas duas formações em que vivem o estudante-atleta é entendível, já que ainda não existe a concretização (ou quando existe, se mostra como uma contenção aos danos e não uma solução ao problema) de como essa relação se dá ou pode vir a existir. Desde muito cedo, esses jovens passam a vivenciar uma dupla carreira, marcada pela tentativa de articulação entre escola, futebol e projetos familiares, em que o esporte tende a ocupar posição central na busca por mobilidade social. Ao mesmo tempo em que, no ambiente escolar, é preciso frequentar aulas, realizar provas, trabalhos, estudar e participar da dinâmica institucional da escola, em sua outra carreira torna-se necessário treinar regularmente, viajar para disputar partidas, participar de competições e manter cuidados constantes com o corpo e com a saúde mental (SOARES; CORREIA; MELO, 2016, p. 11). Nesse processo, as jornadas de formação entram em conflito. O tempo da escola nem sempre acompanha o tempo do futebol.

Como apontado anteriormente, a escola frequentemente assume o papel de “flexibilizar” suas próprias normas para garantir a permanência desses jovens no ambiente escolar. Remarcações de provas, compensações de faltas e reorganizações de atividades tornam-se mecanismos recorrentes. Entretanto, quando essas flexibilizações não acontecem como no caso observado ao longo deste trabalho o que parece prevalecer

é a prioridade dada ao futebol.

Mesmo que em escritos como de Rocha, Bartholo, Melo e Soares (2011) mostram que a juventude que vivencia essa dinâmica apresenta uma grande importância para o estudos, o futebol continua sendo a porta não apenas de suas possíveis ascensões, mas também a única vista dentro dos horizontes de possibilidades. O imediatismo prometido e divulgado no meio futebolístico, constantemente reforçado por discursos midiáticos, empresariais e até familiares, faz com que o investimento no esporte pareça mais concreto, urgente e recompensador do que a permanência em um ensino que, para muitos deles, aparece descolado de suas realidades e projetos de vida.

Contudo, como o próprio caso analisado neste trabalho evidencia, o futebol também é marcado pela instabilidade. Contratos se encerram, clubes fecham, alojamentos são desmontados e trajetórias precisam ser reorganizadas de maneira abrupta. Quando essas portas se fecham, surgem questionamentos sobre aquilo que restou para esses jovens além da bola. Nesse sentido, a escola, frequentemente colocada em segundo plano durante o processo de formação esportiva, reaparece como uma possibilidade de continuidade, ainda que marcada por lacunas, interrupções e dificuldades acumuladas ao longo da dupla jornada.

Assim, mais do que compreender o estudante-atleta apenas como alguém que concilia esporte e escola, este trabalho buscou refletir como essas juventudes constroem suas vidas atravessadas por disputas de tempo, expectativas de futuro, desigualdades sociais e formas distintas de aprendizagem. Entre a caneta e a bola, esses jovens negociam diariamente seus projetos de vida em um cenário marcado tanto pela esperança da ascensão quanto pela incerteza constante do fracasso.

7. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender e refletir como os estudantes-atletas das categorias de base de um clube do interior de Minas Gerais articulavam suas trajetória entre a escola e o futebol, tendo como foco as experiências vividas por um grupo de jovens do primeiro ano do ensino médio em uma escola estadual da cidade de Alfenas. Mais do que analisar apenas a relação entre esporte e educação, os escritos aqui presente procuraram compreender como esses sujeitos organizam seus projetos de vida diante das possibilidades e incertezas produzidas pela formação no futebol.

A partir das observações realizadas no cotidiano escolar, nos jogos e nos contatos com os estudantes-atletas, tornou-se evidente que o futebol ocupa posição de destaque na construção de expectativas para o futuro dessa juventude. Em um contexto marcado por desigualdades sociais, precarização do trabalho e limitações estruturais da própria escola a qual faziam parte, o esporte aparece como possibilidade concreta, mesmo que incerta, de ascensão social, reconhecimento e transformação da realidade que se inserem.

Nesse sentido, o futebol não pode e deve ser compreendido apenas como prática esportiva ou atividade extracurricular (ou, se formos além, o ópio do povo). Ele se apresenta como um espaço legítimo de aprendizagem, formação corporal e socialização, na qual produz saberes, valores, comportamentos e modos de perceber o mundo que vivemos. Os estudantes-atletas, através do corpo e a “cultura da bola”, aprendem sobre disciplina, relações coletivas, das hierarquias e das experiências vividas dentro e fora das quatro linhas.

Porém, o fato do futebol ser esse elemento central na vida desses jovens reorganiza profundamente os seus contatos e experiências com a escola. Vivendo em uma dupla jornada de treinos, viagens, competições e exigências escolares faz com que o ensino formal seja frequentemente flexibilizado, relativizado ou colocado “no banco de reservas”. A escola se adapta para tentar reconciliar a realidade do estudante, mas nem sempre consegue responder às especificidades dessa experiência juvenil. Um ensino fragmentado pode custar caro caso tudo dê errado amanhã.

Além disso, o caso relatado sobre a precariedade dos alojamentos e o posterior encerramento das atividades do clube evidenciaram a instabilidade que atravessa a formação de jovens atletas em contextos fora dos grandes centros futebolísticos. As trajetórias desses garotos são marcadas por deslocamentos constantes, incertezas, rupturas e reinícios sucessivos, revelando como o sonho da profissionalização convive permanentemente com experiências de vulnerabilidade e precarização.

Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, novas inquietações surgem e apontam caminhos para aprofundamentos futuros: para que serve a escola para jovens que enxergam no futebol sua principal e, muitas vezes, única possibilidade de ascensão social? Quais sentidos são atribuídos à escolarização dentro dessa dupla jornada? Em que momento a escola deixa de ocupar lugar central nos projetos de vida desses estudantes-atletas? E, principalmente, o que acontece quando o sonho do futebol é interrompido?

Por fim, entende-se que refletir sobre os estudantes-atletas é também refletir sobre os sentidos da escola contemporânea, sobre as múltiplas formas de aprendizagem existentes na sociedade e sobre os projetos de futuro construídos pelas juventudes em meio às desigualdades sociais. Afinal, para muitos desses jovens, o ensino-aprendizagem não acontece apenas com a caneta na mão, mas também com a bola nos pés.

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, mai.-ago. 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/i/2003.n23/>. Acesso em: 20/08/2026

BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COSTA, M. da; KOSLINSKI, M. C. **Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 133-211, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/L5hGZBfCkMcyPrGfqPJm8ss/>. Acesso em: 18 maio 2026.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

GROPPO, Luís Antonio; COSTA, Débora Luci da; MARINHO, Elaine; COUTINHO, Suzana Costa. **Sociologia da Educação Sociocomunitária: Ensaio sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal**. Holambra: Setembro, 2013.

MATTA, Roberto da. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**.

Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, mai., 1978. p.1-12.

NERI, Marcelo. C. **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola.** 1. ed. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ROCHA, Hugo Paula. Almeida da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Jovens Esportistas:** profissionalização no futebol e a formação na escola. Rio Claro: Motriz, p.252-263, 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Família, escola e mídia:** um campo com novas configurações. 2002, Anais.. Salvador, BA: UNEB, 2002